

## Madre Cristina: Um instrumento de transformação

**A** regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil em 1962 foi precedida de um longo período no qual o conhecimento psicológico encontrava lugar apenas em disciplinas ministradas nos cursos de Filosofia, Pedagogia, Medicina e nas escolas normais.

Célia Sodré Dória — a madre Cristina —, educadora, psicóloga, fundadora e diretora do Instituto Sedes Sapientiae, foi responsável por algumas iniciativas fundamentais na efetivação e na consolidação dos cursos de formação e da profissão de psicólogo.

Nesta entrevista, ela relata e recupera momentos importantes de sua trajetória profissional, que se confundem com os primórdios da cria-

ção dos cursos de Psicologia no país e de um campo de atendimento clínico. A sintonia com os tempos a faz assumir, inconfundivelmente, o papel de pioneira, ainda que ela, modestamente, afirme ter sido “empurrada pelos acontecimentos” e que sozinha não teria tido coragem para criar a primeira clínica-escola psicológica de São Paulo.

Em seu depoimento, transparece o estilo tão singular de luta, marcado por uma lucidez que sempre norteou a contundência de suas idéias e ações, aliada a uma vocação que celebra a convivência pluralista e democrática.

Entrevista realizada por Maria Luisa Sandoval Schmidt, em junho de 1990 (transcrição de Cláudia Costabile).

**PERCURSO** — Gostaria que a senhora falasse sobre o processo de institucionalização de transmissão da Psicologia em São Paulo, tendo em vista a sua participação nesse processo...

**Madre Cristina** — A Psicologia nasceu muito tardiamente, não só em São Paulo como no mundo. Foi uma das ciências que mais tardiamente se desenvolveu. Praticamente é uma ciência do século XX. Acho que, depois, quis tirar a diferença, porque hoje esta inflacionada... Na década de 30/40 não existia psicólogo, nem como profissão nem como curso formador. Quando alguém se referia a um psicólogo, era num sentido meio "bola de cristal". Queria dizer que a pessoa era intuitiva. A gente ficava meio ofendida. Ninguém dizia: "Eu sou psicólogo". Imagine! Tão pouco tempo e tanta coisa rapidamente aconteceu!

**PERCURSO** — E como o processo se deu no Sedes?

**Madre Cristina** — Nós tínhamos aulas de psicologia na Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae, em 1933, antes mesmo da USP. Foi a primeira no Brasil e funcionava na rua Marquês de Paranaguá — Caio Prado. A Psicologia, na décadas de 30 e 40, era transmitida em diferentes unidades: na Faculdade de Medicina, nos cursos das Faculdades de Filosofia, nos cursos de Pedagogia e, por incrível que pareça, na Escola Normal, onde era mais bem condensada. Em São Paulo só funcionavam duas Escolas Normais: a Escola Normal da Praça — que depois virou Caetano Campos, e a Escola Normal do Brás. A Escola Normal da Praça era o centro da Psicologia em São Paulo. Daí nasceu a USP, que começou a funcionar naquele prédio, com professores da Caetano Campos. Só isso mostra como a Psicologia era pobre entre nós.

No Sedes, havia mais vantagens, porque tivemos duas professoras estrangeiras: uma que veio da Bélgica, a Dra Peters, e a outra que veio da Columbia University, a Dra Buckley. Nós tivemos duas orientações: uma européia e outra americana — o que nos enriqueceu muito.

Eu me matriculei na USP e no Sedes, mas não conseguia seguir o curso da USP porque na Caetano

"Meu interesse maior era pela Psicologia Educacional, que é profilática. Mas todo mundo queria a Psicologia Clínica."

Campos, então, era uma trapalhada: chegava lá e encontrava criança na sala de aula... As condições eram muito precárias. Quando passou para a Maria Antônia a coisa se firmou e deu no curso que existe até hoje. Eu fiquei só no Sedes, e nós tivemos um bom embasamento com essas duas professoras.

**PERCURSO** — Nessa época qual era o curso?

**Madre Cristina** — Pedagogia. Na USP davam mais Psicologia na Filosofia, no Sedes davam Psicologia na Pedagogia. Eu me formei em 1940, comecei a ser professora da faculdade, e nesse mesmo ano criamos a primeira clínica psicológica, numa casinha no meio do jardim. Existe até hoje essa casinha. Dificilmente dá para realizar hoje o que foi este acontecimento em 1940. As pessoas perguntavam: "Clínica psicológica? O que é isso? Mas não tem lugar para fazer internamento naquela casinha?" Quer dizer, ninguém tinha idéia, no Brasil, em 1940, do que fosse uma clínica psicológica.

Começamos a desenvolver a clínica com os alunos. Fazíamos toda a parte de psicopedagogia, diagnóstico, orientação vocacional, orientação de pais — que não queriam nos deixar, queriam fazer uma psicoterapia. Começamos também os

curso de Psicologia, sem dar este nome, porque oficialmente só em 1962 a Lei 4119 criou os cursos de Psicologia. Mas o interesse dos alunos quando entravam na Pedagogia era pela Psicologia. Como não tinham onde estudar, nós fazíamos um esvaziamento da Pedagogia. Quer dizer: tínhamos que mandar para o Conselho Federal de Educação todos os relatórios com base no currículo mínimo: História da Educação, Educação Comparada, uma série de matérias da Pedagogia. Mandávamos estes títulos, mas os conteúdos... nada a ver com os títulos. E começamos a dar Psicologia mesmo: Psicologia Evolutiva Psicologia da Personalidade, Psicologia Diferencial, Psicopatologia... Começamos a montar um curso de Psicologia para formar os alunos e prepará-los para que pudessem, depois, trabalhar.

Meu interesse maior era pela Psicologia Educacional. Por mim, teria desenvolvido mais a Psicologia Educacional, que é profilática, porque eu acho que educando bem, dando uma boa base, inúmeros problemas são eliminados. Mas o interesse dos alunos era pela Psicologia Clínica. Era impressionante como todo mundo queria a Psicologia Clínica e todo mundo queria fazer estágio para tratar dos problemas da clínica. Em 1953, criamos o curso de Psicologia Clínica. Os alunos faziam quatro anos de Pedagogia ou de Filosofia os que vinham da USP — e depois faziam mais três anos de Psicologia Clínica, curso teórico e prático.

**PERCURSO** — Era uma espécie de especialização?

**Madre Cristina** — Era uma especialização em Psicologia Clínica. A Psicologia Clínica já começava a ter boa aceitação, a ter um mercado, não só de trabalho, mas também de procura de alunos. Todo mundo queria ir para a Psicologia Clínica. Eu tenho a impressão de que o nosso foi o primeiro curso de Psicologia Clínica do Brasil. E tenho a impressão, também, de que a nossa foi a primeira clínica psicológica ligada à universidade.

**PERCURSO** — Deve ser, porque a clínica da USP é bem posterior.

# ENTREVISTA/DEBATES

**Madre Cristina** — A da USP é posterior, a da São Bento, que hoje é a PUC, também é posterior. E foi assim que a Psicologia começou entre nós.

**PERCURSO** — Quando a senhora fala “a gente”, quem era essa “gente”, que formação tinha?

**Madre Cristina** — Nós tínhamos essas duas professoras estrangeiras, mas elas vieram com contrato, foram embora e me largaram na mão. Então, eu me vi sozinha — caminhávamos com antigos alunos e com alguns colegas, todos mais ou menos autodidatas. No setor de ludoterapia, quem muito nos ajudou foi Haim Grünspun.

Foi um começo difícil. Eu sabia muito pouco e me via pressionada pelos alunos que pediam cursos e pela comunidade que superlotava as vagas da clínica. Senti-me empurrada pelos acontecimentos, mas sozinha não teria coragem para criar a primeira clínica-escola em São Paulo. Quase não existiam livros de Psicologia. Existiam os livros de Psicologia Geral, falavam o que era Percepção, Sensação ... Eu lia muito, os meus autores de cabeceira eram Marx e Freud. Eu lia 18 horas por dia, mas era pouco. Nessa época, passei um ano na Europa e depois fiz estágios em clínicas nos EUA. Mas também na Europa, naquele tempo, a Psicologia estava pouco desenvolvida. Eu dizia para as pessoas: “Esta clínica é para prática dos alunos, estou aqui para ganhar experiência e, se não der certo, nós não nos comprometemos”. Por exemplo, fazíamos os psicodiagnósticos, mas dizíamos para os pais: “Olha, os alunos estão aprendendo”. Eles queriam, mesmo assim. A gente ia sendo, assim, mais ou menos pressionada. Ninguém queria sair da clínica, os alunos se formavam e queriam continuar na clínica. É impressionante como hoje todo mundo quer virar psicólogo. Eu fico ali no telefone e ouço — é engenheiro, é advogado, é mecânico, todo mundo quer vir fazer o curso de especialização aqui, para fazer terapia, para abrir um consultório e para poder trabalhar. Hoje o que há de interesse! Acho que, antes, havia medo, não sei se as pessoas tinham medo de se encontrar, não sei se foi

“Senti-me empurrada pelos acontecimentos, mas sozinha não teria coragem para criar a primeira clínica-escola em São Paulo.”

isso que fez com que as pessoas, durante tanto tempo, não quisessem estudar Psicologia.

A própria regulamentação da profissão só se deu em 1962 e não foi fácil consegui-la. Não foi fácil entre os psicólogos — eu estou aqui dizendo “entre os psicólogos”, mas não havia psicólogo! —, não foi fácil entre os candidatos a psicólogos, porque o curso de assistente social tinha uma cadeira, os filósofos tinham uma cadeira, os pedagogos tinham uma cadeira, não sei que outra faculdade tinha uma cadeira de Psicologia.

Todos esses grupos reivindicavam a paternidade do futuro psicólogo. Cada um queria disputar e determinar onde o psicólogo deveria ser formado. Havia uma divergência entre os futuros psicólogos.

Foi com muito custo que conseguimos dizer: “Olha, nenhum de nós será o futuro formador do psicólogo. Temos que criar um curso que seja realmente um curso preparado, credenciado, não só oficialmente, mas com todas as possibilidades de formar teórica e praticamente o futuro psicólogo. No fim de tanta discussão, a gente conseguiu chegar a um acordo sobre o curso e os que já estavam exercendo a profissão poderiam se registrar, com alguns requisitos.

Na regulamentação da profissão tivemos uma luta entre os futuros psicólogos. Quantas reuniões a gente fazia, quantas discussões a gente fazia, meu Deus do céu! Noites e noites perdidas em discussões e eu sempre mantendo esta linha, com alguns colegas, de que o curso deveria ser um terceiro, um quarto curso, um curso próprio. Tinha que nascer um curso de Psicologia.

**PERCURSO** — Independente desses outros?

**Madre Cristina** — Independente desses outros. O de pedagogia, o nosso, no fundo já era um curso de Psicologia. Tanto que, em 1962, disseram: “Nasceu um curso de Psicologia”, e eu disse: “No Sedes nasceu um curso de Pedagogia”, porque ele pôde existir com as características da Pedagogia.

O maior obstáculo vinha da parte dos médicos, porque os médicos acharam que a palavra terapia era privativa deles. Então houve uma disputa muito grande, uma briga muito grande...

Para começar, tratamos de regulamentar a profissão e criar o curso junto, para sair meio por baixo do pano. E a palavra psicoterapia não pôde aparecer como função, apareceu como “problemas de ajustamento” ... Quando a gente pensa que está isso tudo está tão ultrapassado!

Aqui em São Paulo, pessoalmente, eu não tive a reação contrária dos médicos, porque eles, principalmente os da Pinheiros, da USP, pediram para eu dar um curso para eles. Não sabiam nada de Psicologia. Então, todas as quartas-feiras eu dava um curso. Era um curso livre, no sentido mais radical do termo, porque não havia matrícula ou fiscalização de frequência, a porta ficava aberta e entrava quem queria. No geral, o curso tinha, em média, 100/120 alunos.

Eu dava um curso de Psicologia para médicos e eu era psicóloga, de maneira que eles não podiam vir brigar com a gente. Mostrávamos que havia campo para todos. E mostrávamos o limite do psicólogo — o psicólogo não pode fazer a parte de medicação, de internamento — tudo isto que hoje nos sabemos, mas que era uma grande novidade na

época. Este curso durou vários anos e estabeleceu um contato muito bom entre médicos e psicólogos. Tanto que, quando criamos o curso de Psicologia Clínica, muitos médicos vieram se matricular, o que foi uma novidade — um médico se matricular numa faculdade para fazer um curso de Psicologia Clínica.

Engraçado! Tão pouco tempo... É a aceleração da História, não é? As coisas acontecem tão rapidamente! Quem poderia prever que em tão pouco tempo isso iria se desenvolver nesse âmbito, nessa dimensão que hoje está?

**PERCURSO** — Antes da regulamentação da profissão, em que se trabalhava mais? Havia mercado de trabalho para o “psicólogo”?

**Madre Cristina** — Veja, abrir consultório particular, alugar uma sala e receber pacientes, isso era exceção. As pessoas trabalhavam em instituições, mas como a procura na clínica do Sedes era enorme... Hoje a clínica do Sedes tem outra função, não é para a prática dos alunos. A clínica existe por uma questão de Justiça Social. É para que os pobres também possam ter um bom equilíbrio emocional. Não é uma clínica para aprender com pobres e depois aplicar com ricos. A clínica do Sedes, lá na Rua Caio Prado, aquela em que começamos, não era para pobres, era para quem quisesse ser co-baia. E como quem conhecia mais, quem estava mais em contato eram os ricos, o pessoal do nível social dos alunos, eram principalmente os ricos que procuravam e sobretudo na parte de orientação. Eu trabalhava muito com orientação de pais, dava muitos cursos de orientação para orientação de pais. Eu dei curso do Amazonas até o Rio Grande do Sul. Era tanta novidade! Universidades me convidavam, ou então a prefeitura, o Estado ... para dar palestras e às vezes chegavam a fazer feriado na cidade, feriado escolar, para os professores assistirem às palestras. Então, eu me via num cinema, com mil, 1200 pessoas. Eu pensava: “Meu Deus, o que é que eu vou falar para um nível de zero a cem!” Porque ali estavam professores das Universidades, normalistas, mães de família que nunca tinham ouvido falar em Psicologia. Psicolo-

“O Sedes não é bem uma escola. É um espaço político para pessoas que quiserem refletir e encontrar um novo modelo de sociedade.”

gia começou como profissão começando como resposta a uma necessidade, resolvendo problemas. Tinha, por isso mesmo, uma aceitação enorme. Nossa clínica era muito procurada. Eu atendia as dez primeiras pessoas que chegavam. Havia pessoas que dormiam lá para pegar vaga no dia seguinte. Achava cruel ver gente naquelas filas, mas eu dizia: “O que é que eu vou fazer?”. A Psicologia é uma coisa boa, é uma coisa que dá às pessoas condições para resolverem seus próprios problemas. Tanto que nós começamos numa casinha pequenininha — eram duas salas só e ali a gente fazia tudo. Mais tarde, quando a faculdade construiu um outro prédio, já nos sentíamos mais donas, tínhamos um andar! Depois, ficou pequeno também. Mas os alunos chegaram um dia e disseram: “Vamos construir uma clínica para a-senhora”. Eu disse: “O quê? Vocês estão loucos?” E eles: “Não, nós vamos construir, tem muito terreno aí”.

Na Rua Caio Prado há um prédio de quatro andares... Foram os alunos que me deram de presente. Mandaram construir aquele prédio. Fizeram tudo: acharam engenheiro, arquiteto, arranjaram material, fizeram campanha, fizeram tudo. Montaram a clínica porque eles queriam. Era tal a necessidade, não cabia mais

naquele andar da faculdade.

A clínica foi se expandindo. Aumentou o número de pacientes e de alunos. Os alunos não queriam ir embora. Se formavam, mas queriam continuar trabalhando na clínica. Até que lá também ficou pequeno. Vendemos o prédio e com o dinheiro construímos este aqui onde estamos hoje.

**PERCURSO** — O Sedes é uma escola?

**Madre Cristina** — Não é fundamentalmente uma escola. Aqui é um espaço político para as pessoas que quiserem refletir e encontrar um novo modelo de sociedade. Tudo que existe deve existir em função disso. Em função da solução de um problema que é a Justiça Social. Foi sempre este o problema que me preocupou na vida — a Justiça Social, como resolver este problema tão amplo.

**PERCURSO** — Por que tantos cursos de psicoterapia?

**Madre Cristina** — Sempre fiz questão de não manter uma linha só. De vez em quando me telefonam dizendo assim: “A senhora conhece a sociedade de hidro... hidrotterapia?” Não sei, nem me lembro o nome, mas umas coisas assim que você nunca ouviu falar, porque hoje em dia todo mundo resolve criar uma linha nova, a sua própria. Isto não! Mas há linhas consagradas. Por exemplo, o psicodrama, quer você aceite ou não, existe. A psicanálise é evidente... Freud foi o grande teórico, deu a grande virada dentro da Psicologia. Acho que podemos dizer assim: antes de Freud e depois de Freud. Os que vêm após, ou são seus discípulos ou renegam o mestre. Mas todos o levam em consideração. Eu acho que o Freud marcou, abriu para a psicologia o caminho certo. Agora é aperfeiçoar, é continuar marchando.

Temos aqui Gestalt, o Psicodrama, Psicodinâmica, Terapia de Abordagem Corporal. Temos as diferentes linhas. Uma coisa que temos conseguido e que foi um dos objetivos do Sedes é uma corrente respeitar a outra. O que não quer dizer concordar. A psicanálise não fica chamando o psicodrama de teatrinho, e o psicodrama não vem

chamar a psicanálise de exploração que deita as pessoas no sofá e ganha dinheiro. Todas essas correntes são sérias, são caminhos diferentes e todas podem contribuir enormemente.

A minha preferência é sempre pela psicodinâmica de base analítica, mas isso é uma preferência pessoal — eu nunca faria psicodrama, mas isso não quer dizer que eu não valorize o psicodrama. Quisemos manter aqui essa diversidade de linhas.

**PERCURSO** — A senhora entende que a origem do Sedes de hoje é aquela clínica da Rua Caio Prado?

**Madre Cristina** — É. Porque aquela clínica da Caio Prado não foi só clínica, só atendimento psicológico. Foi um centro político.

**PERCURSO** — Já havia essa inspiração naquele tempo?

**Madre Cristina** — Havia. O andar térreo de lá era de quartos e banheiros, principalmente no tempo da repressão, para a gente guardar e esconder os refugiados. As reuniões políticas se davam lá na clínica. Este aspecto político nunca foi relegado. Aliás, nas minhas aulas — eu fui professora por 35 anos — eu nunca dissociar a Psicologia da Política. Sempre encontrava um jeito de fazer a ligação. Os alunos não podiam se queixar de não ter o que estudar. Eles tinham que ler muito, eles tinham que trabalhar muito. Mas sempre acompanhando o estudo da Psicologia com o problema político, porque eu acho que fazer psicologia é trabalhar para levar um conforto maior para os homens. A pessoa briga com o mundo na medida em que não está feliz com ela mesma. Se está feliz com ela mesma, briga com mundo, não emocionalmente, mas sim racionalmente — briga com o mundo combatendo o que no mundo há de errado. E não briga por brigar. Para fazer uma transformação da sociedade, para trazer ao mundo um outro modelo de sociedade, é preciso pessoas bem ajustadas. Eu via, por exemplo, naqueles grupos políticos, pessoal de esquerda, discussões sem razão de ser. Um dizia: “Esse é um gravador” e o outro dizia: “Não, esse é um gravador” e ficavam horas brigando, porque

“Eu gostaria que todos os psicólogos fossem assim: atormentados pelos problemas sociais. Essa angústia é produtiva e gera transformações.”

um queria ter a última palavra que o outro não largava. Na verdade, colocavam problemas emocionais na discussão! Para transformar a sociedade é preciso um mundo de pessoas ajustadas. Para repartir, deixar um pouco o seu dinheiro e dar para o outro, as pessoas têm que estar ajustadas. Por que essa gente aí com trilhões? Eu teria vergonha de ser tão rica desse jeito. Mas é a insegurança, se o dinheiro faltar parece que... Para repartir, é preciso estar bem ajustado.

Claro que não é a Psicologia que vai fazer a revolução social. Mas a Psicologia é um instrumento muito importante para transformar as pessoas e para levar as pessoas a um melhor ajustamento, a ter uma visão melhor do mundo e, portanto, uma conseqüente melhor solução dos problemas deste mundo.

Política e Psicologia sempre estiveram juntas. Esta era a visão da clínica, mas não era a visão da faculdade que funcionava na Rua Marquês de Paranaguá. A Faculdade era eclética no sentido mais absoluto do termo. Eu lecionava lá, ao lado do presidente da TFP, Plínio Correia de Oliveira. Imagine as distâncias... Este Sedes eu não gostaria que fosse eclético. Não quer dizer que todo mundo deva pensar da mesma maneira, pelo amor de Deus! Se assim

fosse, não se cria para frente! Mas gostaria que todo mundo tivesse o mesmo objetivo. O mundo tem que sair do sistema capitalista e tem que procurar um modelo de socialismo. Achei ótimo que o Oriente tivesse acabado com todos aqueles socialismos que não funcionam, para procurar um novo modelo de socialismo, que virá daqui a dez anos, mil anos ou um milhão de anos, não importa. O que importa é começar.

Nós tínhamos que formar psicólogos preocupados com o problema social, preocupados com o outro. E não psicólogos que se fecham no seu consultório preocupados apenas em ganhar dinheiro. Não! Precisa ganhar dinheiro, é uma profissão e os profissionais têm que viver disso. Mas que não seja o objetivo.

Quando se fala: “Vamos fazer psicoterapia em instituições, vamos fazer psicoterapia para pobres”, pensa-se logo em psicoterapia breve e psicoterapia de grupo. O que é isso? Então existe psicoterapia para rico e psicoterapia para pobre?

Eu acho que existem indicações para grupo, indicações para psicoterapia breve, independentemente do problema econômico da pessoa. Na prática isto não acontece, mas tudo isso deve ser uma preocupação fundamental do psicólogo. Por que na prática não pode acontecer que a psicoterapia seja a mesma para o rico e para o pobre? Por que eu tenho que fazer grupo para o pobre e para o rico posso fazer 10 anos de divã? Isto deve ser uma interrogação que deve atormentar e deve angustiar o psicólogo. E se ele ficar bem angustiado, eu digo: “Não leve esta angústia para o seu psicanalista! Sustenta esta angústia! Porque esta angústia é produtiva, esta angústia vai gerar em você uma transformação!”

Eu gostaria que todos os psicólogos fossem assim: atormentados pelos problemas de injustiça.

**PERCURSO** — Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

**Madre Cristina** — Gostaria que a *Comunidade Sedes* assumisse o compromisso com a revolução social e que PERCURSO tivesse um longo percurso, sempre debruçado sobre o problema da Justiça Social. ■